

FALA DE ABERTURA: O SUJEITO LACANIANO E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Magnum Marcel Nardoto Machado¹

É com muita alegria que damos as boas-vindas a todas e todos que participam deste congresso. Estar aqui hoje não representa apenas um marco acadêmico, mas também a celebração de um trabalho coletivo. Para nós, integrantes das comissões organizadoras, este momento constitui o ápice de meses de trabalho, conversas, burocracias, encontros e, sobretudo, de uma aposta na transmissão da psicanálise. Uma aposta que fez com que este evento deixasse de ser o sonho inicial de seu proponente, Humberto Marques, e ganhasse a materialidade que hoje temos diante de nós.

Quero agradecer profundamente a todas as pessoas que tornaram este encontro possível: àquelas que integraram nossas comissões; às que dedicaram seu tempo e sua energia à preparação dos trabalhos que serão compartilhados; às instituições apoiadoras; aos fornecedores que estarão conosco durante os dois dias de evento; ao SESC Cabo Branco, pela recepção; e, principalmente, a cada pessoa que adquiriu um ingresso, acreditou em nossa aposta e fez com que o nome deste congresso pudesse ecoar por diferentes lugares do país.

Costumamos ouvir que a clínica é um lugar solitário. Compreendo essa afirmação e também a sinto em minha própria experiência. A rotina do consultório é intensa, não apenas pelas horas dedicadas à escuta daquilo que há de mais íntimo, sofrido e, por vezes, feroz na fala de alguém, mas também pelo trabalho silencioso que começa quando a porta do consultório se fecha e a sessão termina.

Eventos como este, entretanto, nos permitem experimentar algo diferente. Com bons pares, não estamos sozinhos. E, olhando para vocês, tenho a certeza de que estamos muito bem acompanhados.

Estarmos reunidos aqui, em João Pessoa, tampouco é um mero detalhe geográfico. É uma afirmação política.

Realizar um congresso dessa dimensão no Nordeste implica também um corte no eixo Rio-São Paulo, que por muito tempo concentrou a ilusão de constituir o único polo de autoridade psicanalítica do país. A psicanálise não tem CEP. Ela acontece onde o sujeito fala. Talvez seja justamente por isso que fazer uma clínica lacaniana no Brasil nos exija escutar os efeitos da língua na qual nossos sujeitos falam.

Sabemos, com Lacan, que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (LACAN, 1988, p. 25), tese cardeal que o autor desenvolve com rigor ao longo de seu ensino desde a década de 1950. Mas podemos nos perguntar: de que maneira essa estrutura se articula na língua em que cada sujeito fala? Ela chega com *visse, égua, barril dobrado, massa, uai, daí, piá, bah, tax tolo, lá ele, lek* e, recentemente, quando algo é incrível, aparentemente ele *farma aura*...

Essas expressões não constituem apenas uma brincadeira com os regionalismos de nossa língua. Elas nos convocam a pensar a relação entre linguagem, língua e inconsciente. Em O

aturdido, Lacan afirma que o inconsciente, por ser estruturado como uma linguagem, é também habitado pela língua e está submetido à equivocidade própria de cada língua. Como ele formula: "uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela." (LACAN, 2003, p. 492).

Isso não significa afirmar a existência de um inconsciente nordestino, sudestino ou brasileiro. Trata-se, antes, de considerar que a estrutura da linguagem se articula na língua viva, concreta, marcada por uma história e pelos modos singulares pelos quais os sujeitos falam.

No *Seminário 22, R.S.I.*, Lacan retoma a dimensão da ex-sistência e desloca nossa relação com a ideia de um inconsciente concebido como algo simplesmente interior ao sujeito. O inconsciente ex-siste, articulando-se àquilo que Lacan, nesse momento de seu ensino, formula em torno do falasser e da relação entre Real, Simbólico e Imaginário (LACAN, 1974-1975).

E é do Nordeste, hoje, que essa língua convoca a psicanálise brasileira a trabalhar.

Desde o primeiro dia de organização deste evento, assumimos uma escolha ética inegociável: nosso norte é, e será, estritamente lacaniano. E por que delimitar esse campo?

Porque a transmissão da psicanálise exige, hoje, talvez mais do que nunca, um esforço cotidiano e rigoroso de desambiguação. Vivemos em uma época marcada pela espetacularização da clínica. Um tempo de consumo rápido, no qual a ética do um-a-um pode ser substituída por métricas de vaidade e em que conceitos complexos são frequentemente reduzidos para caber no imediatismo de discursos que confundem psicanálise com autoajuda, espetáculo ou religião. A teoria corre o risco de transformar-se em um conjunto de clichês esvaziados ou, no extremo oposto, em um palco para posições dogmáticas que se escondem atrás de jargões impenetráveis.

É importante, portanto, fazer uma distinção. Não queremos transformar Lacan em um dialeto que apenas aqueles que dominam o chamado "lancês" possam compreender. Queremos falar de Lacan como algo possível. Sabemos que Lacan não é para todos. Afinal, o que é para todos? Mas isso definitivamente não significa que ele seja para poucos. Lacan é para quem deseja.

Desambiguar, para nós, não significa perseguir uma pureza ortodoxa ou uma verdade absoluta. Significa resgatar a radicalidade e a subversão presentes no ensino de Lacan. Significa compreender que seu retorno a Freud não consistiu em uma simples revisão bibliográfica, mas em uma elaboração que atravessou campos como a linguística, a antropologia, a filosofia, a topologia e a matemática. Desambiguar é retirar a psicanálise da vitrine e devolvê-la à sua dignidade ética. É recusar a hierarquia cega e sustentar uma leitura crítica e localizada dos textos.

É justamente diante dessa urgência que o tema central deste congresso é o sujeito do inconsciente e a clínica contemporânea.

Quando Lacan formula que a estrutura do inconsciente opera nos moldes de uma linguagem (LACAN, 1988), não está produzindo apenas uma frase de efeito. Está delimitando a matéria-prima de nosso ofício. O sujeito de que falamos aqui não é o indivíduo da psicologia tradicional

(LACAN, 1998a), tampouco a pessoa cartesiana, concebida como dona de si e em busca, no consultório, de uma versão melhorada de sua própria identidade (LACAN, 1998b).

O sujeito lacaniano é o sujeito do inconsciente. Ele se produz na articulação significativa e não se confunde com nenhum dos significantes que o representam (LACAN, 1998c). É esse sujeito que está em questão na experiência analítica. No *Seminário 5*, Lacan (1999) situa a questão do sujeito em relação ao campo do Grande Outro, concebido como lugar dos significantes e como aquilo que antecede o sujeito. O sujeito encontra, nesse campo, discursos, modos de nomear, valores e tradições simbólicas que o precedem.

E quem é esse sujeito quando esbarra na clínica contemporânea?

Se o sujeito se produz na articulação significativa, as transformações dos discursos em que ele vive importam. Não porque o sujeito seja uma mera vítima de sua época, mas porque é nela que encontra os significantes e os discursos disponíveis para dizer aquilo que lhe acontece. E o nosso sistema tem produzido nomes em escala industrial.

É nesse ponto que podemos interrogar o encontro obscuro entre a indústria farmacêutica e o capitalismo, que pode transformar o sofrimento em um rótulo totalitário e autossuficiente. Antes mesmo que o sujeito consiga articular suas angústias, ele já recebe uma resposta pronta: "TAG", "TDAH", "TOC", "TOD", "TPB", "AN", "BN". Esses nomes deixam de funcionar como elementos de uma cadeia significativa e, muitas vezes, acabam se transformando em sentenças fechadas.

Nossa posição, contudo, não é travar uma guerra contra a psiquiatria, muito menos negar que intervenções medicamentosas possam ser fundamentais para que alguém consiga, inclusive, encontrar condições para falar. A questão da psicanálise é outra e talvez seja ainda mais radical: o que a psicanálise tem a oferecer quando o discurso contemporâneo exige a eliminação imediata da dor, do sofrimento, da angústia, do desamparo e da falta?

Aqui reside uma diferença fundamental entre uma prática orientada pelo apagamento do sintoma e aquilo que Lacan estabelece, no *Seminário 7*, como a ética da psicanálise (LACAN, 1997). A psicanálise não se constitui como uma ortopedia do eu. Não estamos autorizados a adaptar o sujeito a um ideal de felicidade, produtividade ou bem-estar.

O sintoma, para nós, não é simplesmente uma pane no sistema que precisa ser corrigida. Ele se articula à história significativa do sujeito e pode ser tomado, na clínica, como aquilo que pede decifração. É a sua assinatura de não conformidade. Mais adiante em sua elaboração teórica, particularmente no contexto do ensino borromeano, Lacan formulará o sintoma também como efeito do simbólico no real (LACAN, 1974-1975).

Isso nos conduz a uma questão fundamental para nossa práxis: a psicanálise lacaniana não toma a adaptação às nomenclaturas contemporâneas como horizonte de seu trabalho. O sujeito não se reduz ao nome que recebe, nem à categoria na qual é classificado. Enquanto os discursos sociais podem oferecer ao sujeito ideais cada vez mais precisos sobre como ser, viver, produzir, desejar e até mesmo sofrer, a psicanálise sustenta uma posição diferente: não tomar esses ideais como medida do sujeito.

Se as formas clínicas contemporâneas nos empurram para a tentação da identificação com o saber e da cura rápida, a psicanálise sustenta a especificidade de trabalhar com aquilo que se articula no sintoma e com a verdade que nele se enuncia.

Sustentar essa posição não significa que o analista seja uma estátua muda. O(A) analista lacaniano(a) fala. Operamos com o discurso e no discurso. No *Seminário 11*, Lacan (1988) apresenta o inconsciente em sua dimensão pulsátil: ele se abre e se fecha, não como um depósito de conteúdos esperando para ser descoberto, mas como algo que se manifesta no movimento da fala. É nesse movimento que intervimos: pontuando, cortando, interpretando e fazendo trabalhar a cadeia significante, não para devolver ao sujeito uma explicação sobre si mesmo, mas para que algo novo possa produzir-se na relação do sujeito com aquilo que diz, no instante em que diz.

Um congresso como este não existe para entregar respostas prontas ou para produzir consensos fáceis. Ele existe para colocar a teoria para trabalhar. Para voltarmos a Lacan, confrontarmos o ensino com os impasses da clínica e lembrarmos que a transmissão da psicanálise não se dá por simples replicação, mas pelo trabalho que cada um de nós realiza com aquilo que recebeu, elaborou e reinventou no rigor de sua própria experiência.

Portanto, que nossas discussões nestes dias, em João Pessoa, mantenham viva a potência da subversão lacaniana. Que tenhamos o rigor necessário para estudar os textos com dedicação, a coragem de olhar para as dores de nosso tempo sem recuar e a sensibilidade de acolher o sujeito naquilo que ele tem de mais desajustado e autêntico.

Com muita emoção pelo caminho que trilhamos para chegar até aqui, declaro aberto o nosso congresso. Um ótimo congresso para nós!

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **A ciência e a verdade**. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 869-892.

LACAN, Jacques. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 496-533.

LACAN, Jacques. **O aturdido** [1972]. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 448-497.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 22: RSI** [1974-1975]. Seminário inédito.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 807-842.

¹ Magnum Marcel Nardoto Machado é psicanalista lacaniano com formação acadêmica em Psicologia e pós-graduação em Psicanálise Clínica e Teórica. Atua na clínica psicanalítica e na coordenação de grupos de estudos e espaços de transmissão da psicanálise lacaniana. E-mail: manardoto@gmail.com.